

VERA WANG FRANCO NOGUEIRA, DIARISTA

[RODÍZIO, COLARES] / 1962, 4'
[AV. INFANTE SANTO; CASA CADAVAL, MUGE] / 1959, 4'
[CASA CADAVAL, MUGE] / 1959, 2'
[CONVENTO DE MAFRA, PISCINAS DO TAMARIZ, ESTORIL] / 1959, 5'
[AV. INFANTE SANTO] / 1960, 2', excerto
[FESTA DO COLETE ENCARNADO, VILA FRANCA DE XIRA] / 1959, 3'
[QT. DO VINAGRE, COLARES] / 1968, 3'
[CRATO, PORTALEGRE; QT. DA RIBAFRIA, SINTA; AV. INFANTE SANTO] / 1964, 6', excertos
[AZENHAS DO MAR E CASA DE EXERCÍCIOS DE SANTO INÁCIO, COLARES] / 1962, 2'
[SANTUÁRIO DE FÁTIMA] / 1967, 6', excertos
[TERREIO DO PAÇO, MANIFESTAÇÃO DE APOIO À POLÍTICA ULTRAMARINA] / 1963, 4'
[FARO] / 1966, 3', excertos
[LAGOA DE SANTO ANDRÉ, SINES; ACADEMIA DE MÚSICA DE SANTA CECÍLIA] / 1968, 8', excertos
[FILME 6: SÃO JULIÃO DA BARRA, QT. DA ABELHEIRA, QT. DO VINAGRE, RESTELO] / 1962, 4'
[CHINA] / 1981, 6', Super-8, excertos

filmes de VERA WANG FRANCO NOGUEIRA

Imagens: Vera Wang Franco Nogueira (e família) / Cópias: Cinemateca Portuguesa, digital (produzida a partir da digitalização de materiais em 8mm e Super-8), coloridas, sem som / Primeira apresentação na Cinemateca.

Duração total da projeção: 62 minutos

Sessão comentada por Aida Franco Nogueira.

E se, do nada, tivéssemos acesso aos meandros da alta sociedade do Estado Novo através de uma câmara amadora que todos acolhem e com a qual todos têm cumplicidade? Eis a relevância dos filmes de Vera Wang Franco Nogueira: dar-nos a ver os diplomatas, os Ministros, o Presidente do Conselho, o Presidente da República e toda as respetivas *entourages* sem a pose de estadistas que a propaganda lhes havia construído. A câmara de Vera Wang dá-nos acesso (em certa medida) à intimidade destas figuras e, mais importante, demonstra o isolamento circunspecto em que toda a classe dirigente circulava. Não o faz em todos os “filmes” (são perto de 90 “títulos”, na sua maioria rolos de 8 mm sem montagem com a duração do próprio cartucho, 4 minutos, mas também algum material montado – ou no mínimo, agregado – em rolos que andam entre os 10 e os 30 minutos, totalizando cerca de 9 horas de imagens), bem pelo contrário, esses momentos surgem por entre aquilo que é, para todos os efeitos, uma coleção de filmes de família de classe média alta, rodados entre o final dos anos 1950 e o início dos anos 1980. Nesta sessão, cuja seleção foi feita em conjunto com a filha de Vera Wang, Aida Franco Nogueira, limitámo-nos a imagens rodadas até ao final da década de 1960 e rodadas em Portugal continental (uma grande parte da coleção, aqui omissa, é dedicada a viagens internacionais – de estado ou de lazer – no estrangeiro ou nos territórios colonizados). A sessão não segue uma ordem cronológica e mistura, propositadamente, imagens de pendor mais “doméstico” e outras que, pelas personalidades em foco, se converteram em documentos históricos.

Mas afinal, quem foi Vera Wang e como teve ela acesso aos meios sociais que retrata? Vera Wang Franco Nogueira (1927-2018), é lembrada, hoje em dia, como a fundadora da Academia de Música de Santa Cecília e, como os apelidos dão a entender, como mulher do Alberto Franco Nogueira (1918-1993), embaixador, cônsul e Ministro dos Negócios Estrangeiros de Salazar (e brevemente de Marcelo Caetano) entre 1961-1969. Filha de mãe portuguesa (Otília Machado Duarte) e pai chinês (Wang Shuyao), Vera Wang nasceu em Lisboa, no Consulado Chinês. O seu pai era diplomata, republicano e católico. Em nome do estado chinês teve funções de representação política em vários países europeus e Vera Wang (e a sua mais nova irmã, Teresa Wang), acompanhou a família nessa itinerância (estiveram vários anos na Bélgica depois de terem saído de Portugal, tinha Vera 3 anos). Com o início da Segunda Guerra Mundial e a guerra civil que opunha nacionalistas e comunistas na China, a família viu-se separada de Wang Shuyao que enviou as duas filhas e a esposa para o Japão onde permaneceriam a partir de 1943 com o estatuto de refugiadas – Vera era ainda adolescente. Com a ascensão ao poder do Partido Comunista Chinês, em 1949, o pai de Vera Wang é preso e o contacto com a família

passa a fazer-se apenas por correspondência (as imagens que encerram esta sessão, rodadas em 1981, correspondem ao reencontro de pai e filha, 30 anos depois, só possível com o fim do Estado Novo e o restabelecimento das relações diplomáticas a partir de 1976). É justamente no Japão, já depois do fim da Guerra, que Alberto Franco Nogueira é enviado para Tóquio como representante do estado português, numa das suas primeiras funções diplomáticas (chega a 6 de janeiro de 1945, tinha 25 anos). Por conta do vínculo português de Vera Wang (e da familiaridade com outras línguas – o inglês, o francês e um pouco de português), conheceram-se e acabariam por casar, em Tóquio, logo em 1946 (tinha Vera 19 anos). Regressam a Portugal em 1949 e poucos anos depois nasce Aida.

Terá sido, certamente, para documentar o crescimento da filha que Vera Wang terá decidido comprar uma câmara de filmar. E Aida é, claramente, o centro das atenções dos filmes da mãe. Nos primeiros filmes tem já três ou quatro anos, uma vez que logo após o seu nascimento a família Franco Nogueira mudou-se para Londres onde o pai havia sido colocado. 1958 marca o ano do regresso e o início das filmagens. É neste contexto que Alberto Franco Nogueira é nomeado Ministro dos Negócios Estrangeiros, em 1961. A partir daí, a câmara de Vera Wang tanto se dedica a registar os pequenos eventos de uma família de classe média alta em Lisboa (festas de aniversário, cerimónia da primeira comunhão, passeios, picnics, férias de Verão, etc.) como se imiscui nas cerimónias de estado, nos almoços “de sociedade”, nos encontros com os Chefes de Estado, com diplomatas, com convidados internacionais. A dupla natureza desta coleção é o que lhe dá enorme relevância. Isto porque Vera Wang filma esses eventos “históricos” com a mesma abordagem com que regista uma ida à praia com a filha. O desprendimento quase alheado desses registos torna-os num reflexo cristalino de um certo entendimento do mundo onde “tudo está bem assim e não podia ser de outra forma”.

A famosa frase de Salazar pertence a um discurso que, nem de propósito, Vera Wang filmou. Refiro-me às imagens da “Manifestação de Apoio à Política Ultramarina”, ocorrida em agosto de 1963, no Terreiro do Paço, onde o Estado Novo organizou uma “expressão de apoio popular” à dita Guerra Colonial, que havia começado em 1961 e que, ao longo da década de 1960, se agravaria em violência, morte e impopularidade. Manifestação essa que se seguiu, 15 dias depois, ao longo discurso que Salazar havia dado para a RTP e Emissora Nacional, a 12 de agosto, que começa com o conhecido ditame paternalista “vamos a ver se nos entendemos”. As imagens de Vera Wang, sem som, são as únicas filmagens coloridas que temos (?) dessa manifestação (cujos discursos foram transmitidos pela RTP). Nesse discurso (curtíssimo) Salazar agradece a todos os “portugueses de aquém e além-mar” que ali estavam representados (de forma mais ou menos constrangida pelo sistema corporativo da ditadura) e defende a determinação nacional de preservar a integridade nacional e acrescenta que “os pais e mães da nação” oferecem “o sangue do seu sangue” à pátria (que é como quem diz, entregam para a morte os seus filhos) isto porque é preciso “merecer os nossos mortos”.

A voz melíflua e sibilante de Salazar não se ouve no filme de Vera Wang, mas ao contrário da reportagem da RTP, o seu filme dá-nos imagens da desmobilização, rápida e ordeira, e do vazio de uma praça que serviu os propósitos propagandísticos do regime para legitimar aquela guerra injusta. Também a propósito da Guerra Colonial, outro momento de convívio direto com as altas patentes do regime surge aquando da vinda do Papa Paulo VI a Portugal, a 13 de maio de 1967 (no 50.º aniversário das aparições). Como é sabido, após os comentários do Papa sobre a persistência de Portugal na guerra e a intenção de transformar a sua vinda ao país numa campanha pela paz, Salazar recusou-se a recebê-lo na residência oficial. O filme de Vera Wang mostra como a disposição dos assentos colocou, na primeira fila, Américo Tomás e sua esposa, ao passo que Salazar se remeteu para a terceira ou quarta fila, distante e discreto. Um jogo de cadeiras com grande simbolismo político, já que toda a vinda foi envolta em tensões diplomáticas (e, recorde-se, era Alberto Franco Nogueira o Ministro dos Negócios Estrangeiros, responsável pela receção papal).

No filme da manifestação é evidente que Salazar, à janela, olha diretamente para a câmara de Vera Wang de forma afetuosa (coisa que não acontece em relação à outra janela onde se acumulam jornalistas e repórteres). A intimidade entre os dois fica explícita no “Filme 6”, datado de 1969. Presume-se que aquelas imagens do ditador foram já rodadas após o AVC e, de facto, aquele é já um homem debilitado, envelhecido, com uma manta axadrezada no colo. Vera Wang era uma das visitas frequentes de Salazar nessa fase de reclusão e os passeios de carro faziam parte da rotina de ambos (sempre acompanhados pelo motorista e pela governanta). O que se vê no “Filme 6” é, justamente, o grau de proximidade, confiança e cumplicidade entre os dois, quando Salazar retira os óculos escuros e sorri dengosamente para a amiga. Nunca o tínhamos visto assim, tão próximo, tão íntimo. Só uma pequena câmara amadora, operada por alguém da sua máxima confiança poderia ter feito estas imagens.

Ricardo Vieira Lisboa